



O Uso e Apropriação de Redes Sociais Digitais como Canais de Informação e Participação dos Movimentos Sociais Contra-hegemônicos Junto à Comunidade¹

Kleyton Jorge Canuto²

Klauber Jorge Canuto³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN
Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

Resumo

O artigo busca realizar uma reflexão teórica sobre o uso e apropriação de redes sociais digitais pelos movimentos sociais como canais de informação e participação destas junto a sua comunidade. Busca-se entender uma conceituação acerca dos movimentos sociais populares no contexto da contra-hegemonia e suas formas de disseminação de informação. Em seguida, desenvolve-se a dialética de uso e apropriação das redes sociais para fins de organização social, balizando a discussão através dos conceitos-chave de dispositivos, redes e sistemas de informação para se entender a questão. Em um terceiro momento, é debatida a questão da recepção ativa, bem como as potencialidades das redes sociais como canais de participação. Por fim, apresentamos a metodologia do trabalho e algumas ideias finais sobre o tema, que não está próximo de seu esgotamento.

Palavras-chave

Redes sociais digitais; movimentos sociais; dispositivos; contra-hegemonia; teoria da comunicação.

1. Ideias iniciais

Os movimentos sociais populares durante sua história buscou sempre fazer valer a opinião inconformada de uma parcela da sociedade destituída das políticas públicas do Estado e da conjuntura sociopolítica dos grupos hegemônicos que em certo aspecto determinado os oprimem. Suas mobilizações se pautam em esclarecer a sociedade civil nos seus posicionamentos ideológicos e uma das maneiras mais eficazes de fazer entender o seu discurso foram os meios de comunicação.

Com a crescente popularização das mídias digitais e do uso da web, os movimentos sociais acabaram por se inserir nela e atuar na rede, reterritorializando o modo de atuação do movimento, gerando uma *eticidade* (SODRÉ, 2009) distinta do

¹ Trabalho apresentado na DT7 - GP Comunicação para Cidadania, do XV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado entre 12 e 14 de junho de 2013.

² Mestrando da linha de pesquisa Práticas Sociais do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), email: kleytonknuto@gmail.com.

³ Graduando em Comunicação Social, habilitação em Educomunicação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), email: klaubercanuto@gmail.com.



modo habitual dos movimentos, que passam a atuar nos dispositivos midiáticos digitais e em especial nas redes sociais digitais, a exemplo das listas de discussão, do *facebook* e do *twitter*.

No entanto, mediante as transformações sociais e políticas que as práticas dos movimentos causam na própria estrutura dos movimentos, cabe aqui uma discussão teórica sobre as potencialidades destas redes sociais enquanto ferramentas de disseminação de informação e participação, considerando os princípios de recepção ativa.

Para refletir acerca da pesquisa proposta, é necessário que haja um aprofundamento teórico. Nesta direção, recorreremos às obras dos teóricos alemães Niklas Luhmann (2006), Vilém Flusser (2008) e Harry Pross (1990), do filósofo francês Bruno Latour (2006), do sociólogo argentino Eliseo Verón (2006), dos canadenses Harold Innis (2011) e Erving Goffman (2006), dos franceses Maurice Mouillaud (2006) e Régis Debray (2000), do teórico italiano Carlo Scolari (2010), do filósofo canadense Marshall McLuhan (2005), do filósofo alemão Martin Heidegger (2007), do jornalista e pesquisador brasileiro Muniz Sodré (2006; 2009) e do teórico jamaicano Stuart Hall (2003; 2004).

2. Movimentos sociais populares no contexto contra-hegemônico e disseminação de informação

Buscando entender o processo de aproximação entre os movimentos sociais e as mídias digitais, descreveremos suas relações através dos ‘marcos de referências sociais’ (GOFFMAN, 2006) num esforço de descrever os agentes vivos deste processo. Os movimentos sociais emergiram como formas de pressão da sociedade civil frente à esfera do Estado por ações públicas efetivas, mediante ao não contentamento com as políticas públicas, que por centralidade ou por favorecimento a alguma elite geraram disparidades sociais e frente a isso, a parcela excluída da população mobiliza-se em organizações. Segundo Regina Festa:

Os movimentos sociais não ocorrem por acaso. Eles têm origem nas contradições sociais que levam parcelas ou toda população a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe de poder, e postulam novos espaços sociais, ora através de confrontação ora por participação (idem, 1986, p. 11-13).



Considerando isto, é válido ressaltar que os movimentos sociais nascem nas tensões entre classes sociais mediante a uma conjuntura de desequilíbrio de forças diante da hegemonia do Estado. O Conceito de hegemonia, trabalhado por Gramsci, remete o que está organicamente ligado ao Estado, perfaz pela relação também orgânica entre sociedade política e sociedade civil, o que elevado ao longo do tempo a ser chamada de ‘espaço público não estatal’ (BURGOS, 2007, p. 128 -130) e dotada de caráter político legítimo, como pode afirmar a cientista política Evelina Dagnino:

A ação política não se limita a sociedade política, como a teoria da sociedade civil sustenta, mas é parte lógica da sociedade civil, cujos autores, ao defender projetos na esfera pública e desenvolver a ação coletiva, estão fazendo política, disputando espaços de poder e orientando a política pública. Gramsci [...] mostra que a sociedade civil é terreno do poder e, portanto, campo da ação política. (DAGNINO apud BURGOS, 2007).

Em oposição à ideia de hegemonia, se atribui o conceito de contra hegemonia, em que essa oposição se manifesta no sentido restritivamente antagônico e não de substituição ao hegemônico, numa ideia de distanciamento ideológico pautado em ideais que geram uma constante ação e reflexão contundente ao status quo vigorado (PAIVA, 2008). Dagnino ainda ressalta que há uma heterogeneidade de atores civis, e que no seu cerne, inclusive possam existir projetos nem tão civis muito menos democratizantes, configurando uma arena plural de lutas e conflitos (idem, 2007).

Esta definição aproxima-se muito da ideia de sociedade civil de Dênis de Moraes. O autor associa esse posicionamento – também sob influência gramsciana – ressaltando que nessa arena, atuam aparelhos autônomos do Estado que buscam estabelecer consenso seja para manutenção ou reversão dos padrões dominantes, e entende que a hegemonia não se reduz a força e correção, mas e resultado de embates ente visões de mundo e valores no interior de uma sociedade quanto das mediações de forças entre blocos sociais em determinado contexto histórico (MORAES, 2008).

Para fazer valer suas ações, os movimentos sociais utilizam as mídias como formas de propagação do seu discurso. Estas se configuram como canais de informação, participação e mobilização dos movimentos, por razões múltiplas como alcance, eficácia, disponibilidade, retorno, entre outros aspectos. A relevância da escolha da Internet e seus dispositivos como mídia pode estar associada a sua natureza de aspecto



colaborativo germinado no seu nascedouro, onde existe uma flexibilidade na sua forma e construção do seu espaço.

No início deste século XXI, a Internet através dos seus dispositivos midiáticos, a exemplo das redes sociais, se tornou uma ferramenta de uso contínuo para o esclarecimento dos propósitos dos movimentos, assim como assumiu o papel de canal de participação dos indivíduos na construção de pautas e estratégias, afirmação de demandas e comunicação direta entre os movimentos sociais e a população, se configurando como uma opção contra-hegemônica ante os modelos midiáticos vigentes. Sobre essa aproximação entre os movimentos sociais e a Internet, Manuel Castells afirma que os movimentos “encontraram nela (A rede) seu meio apropriado de organização, esse movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada (CASTELLS, 2003, p.114-115)”.

Essa aproximação dos movimentos com os meios virtuais encontra respaldo na teoria de Innis. Na sua discussão sobre a materialidade dos meios, nos quais ele denomina meios leves e pesados, Innis afirma que “um meio pode ser mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do espaço através em detrimento do tempo (INNIS, 2011, p. 103)”. A rede como veículo leve, possui característica de acúmulo de informação que possa ser disponibilizada em tempo instantâneo, possibilitando uma dinâmica de conversação quase em tempo real. Para a maioria dos movimentos que operam dentro de uma lógica tática na construção de suas ações, a rede facilita, em tese, o contato, a articulação e elaboração de estratégias em um espaço de tempo suficiente para que suas ações tenham mais chances de lograr êxito.

Isso implica numa transformação do próprio agir dos movimentos, reconfigurando suas práticas. Da mesma forma que os movimentos interferem no meio virtual, o meio virtual também interfere nos movimentos. No *bios* midiático as relações sociais designam comunidade na ideia de compartilhamento, troca, ao que pode se pertence a todos (SODRÉ, 2006). Nesse contexto, gera-se uma nova vivência, vinculada ao plano virtual, criando formas de relações sociais – o *habitus*. Da maneira que através das práticas dos movimentos alteram a finalidade da rede, que gradativamente sai da dimensão *societal* – controladas e impulsionadas pelo Estado e as organizações empresariais e atinge uma dimensão *sociável*, operando de baixo pra cima, partindo do princípio de reciprocidade (idem, 2009, p. 238).



Sodré ainda nos acrescenta as relações desse contexto social entre os movimentos e a sociedade nasce à ideia de vinculação, que para ele, é “muito mais do que um mero processo interativo, porque pressupõe a inserção social e existencial do indivíduo desde dimensão imaginária [...] até as deliberações frente às orientações práticas de conduta, isto é, aos valores (idem, 2006, p.93)”. Isso resvala na constituição do caráter público da informação e da prática social dos movimentos sociais, pois “forma-se modos de organização da cidadania e de auto-representação da sociedade, nos modos como ela deseja perceber-se e se tornar visível (idem, p. 95)”.

Sendo assim, ocorre uma *reterritorialização* do espaço virtual enquanto meio, bem como reconfigura o papel da mídia na construção social dotada de um sentido sociável. Matín-Barbero emprega o termo de *sociabilidade*, considerando que a sociedade é fragmentada e possui uma expressão múltipla dos atores sociais que gera modos de relacionar-se com a comunicação, apropriando-se dela e de seus dispositivos, construindo produtos sociais cotidianamente (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.59).

Essa interferência do indivíduo ou grupo social no meio e vice-versa é própria da ‘ecologia’ da Internet enquanto mídia, em que pese e se reflete como ambiente de constante alteração e jogo de poder entre as forças (SCOLARI, 2010). Na medida em que os movimentos conquistam novos espaços e estabelecem uma disseminação de conteúdo livre, abre um prisma diferenciado e de alcance a todos, frente às informações disseminadas pelos veículos de comunicação hegemônicos e a informação oficial.

3. Dialética sobre dispositivos, redes e sistemas; usos e apropriação na organização social.

Entendendo o processo da ação e interação das mídias com os movimentos, sabe-se que a ordem ocorre por meio de dispositivos midiáticos. Entende-se aqui por dispositivo através da definição de Maurice Mouillaud, que o define como “lugares materiais ou imateriais nos quais se inscrevem (necessariamente) os ‘textos’ (MOUILLAUD, 2002, p. 34-35)”. O autor denomina texto quaisquer formas de inscrição, sejam elas de linguagem, icônica, sonora, gestual, etc. Possui uma forma específica qual a caracteriza a estrutura no espaço e tempo e funcionam como matrizes (muito mais que suportes) dotadas de finalidades e sentidos, além de pertencerem a lugares institucionais (idem, 2002).



A rede comporta inúmeros dispositivos, dentre os quais destacamos as redes sociais. Apesar de serem de propriedade privada, são abertas ao público e se distinguem pela sua finalidade. São midiáticos porque interferem nos processos de informação e trabalham na ordem da mediação (SODRÉ, 2009), neste caso por computador. Se relacionarmos com a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, o meio virtual atua como sistema social, e como meio possui características de difusão e interferem no comportamento individual, porém considera-se a complexidade do sistema social, devido a sua grande pluralidade, composto por subsistemas. O autor alemão afirma que “todo sistema representa a transformação da improbabilidade da comunicação em probabilidade (LUHMANN, 2006, p. 51)”, e deve-se considerar a inter-relação entre as técnicas de difusão e as possibilidades de êxito da comunicação como elementos a serem considerados na transformação. Isto implica reforça a ideia de interferência do meio na sociedade, assim como na sociedade no meio, gerando sempre algo novo.

Por seu turno, dentro desta lógica de sistemas, Gabriel Cohn considera a comunicação como um “processo expansivo e voltado para inclusão de novos elementos significativos, ao passo que a informação é um processo seletivo, voltado para exclusão de elementos definidos como insignificantes (COHN, 2001, p. 43)”. O autor entende que não são transmissão e recepção de conteúdos os alvos desse ponto de vista, mas sim a geração de formas (idem, 2001).

Isso quer dizer que os movimentos, ao se redimensionarem com espaço virtual, o faz com emprego seletivo, já que geralmente possui um público-alvo, uma política de atuação específica e uma determinada finalidade, e isso que vai também criar uma seletividade no usuário, que está escolhendo a informação desejada. No entanto, ao ter aberturas e possibilidades de interação, colaboração, o processo passa de uma mera disseminação de informação para uma comunicação, gerando outra forma, acrescida e acumulativa ao invés de seletiva, podendo acarretar uma nova vivência social. No entanto, as práticas sociais do plano real não são excluídas, mas também sofrem modificações na sua forma. Ante a objetividade técnica da rede, isto pode gerar a ideia ambígua de *desabrigamento* e pertencimento (HEIDDEGER, 2001) do indivíduo nela inserido.

A característica transformadora também encontrará respaldo em Flusser, onde a plataforma virtual – denominada de cena – irá se configurar como extensão do sujeito



no meio. Nesse caso, os movimentos sociais reconfiguram seus campos de batalha e arena de debate, criando outros espaços para a difusão ideológica (p.17-18).

Sendo assim, as atividades no plano virtual irão fluir para o contexto social, ou como Debray denomina de *socius*, que possui um destino territorial, organizado e dependente de seus meios de locomoção e mobilização. Debray considera a dialética suporte/relações, constitui o ponto nevrálgico do esquema de interação, onde é “impossível tratar separadamente a instância comunitária do dispositivo de comunicação, uma sociabilidade de uma tecnicidade (DEBRAY, 2000, p.35)”.

No nosso caso, as redes sociais são customizadas para fins comunitários, embora exista um direcionamento categórico, e o emprego técnico das suas interfaces acabam por interferir na sociabilidade, moldando-a. no entanto, as formas pelas quais as comunidades se apropriam dos dispositivos, dando novas finalidades também moldam os dispositivos, como por exemplo, o *facebook*, que a partir do crescimento do número de grupos e comunidades, criou mecanismos próprios a eles, como porta-arquivos, espaço de fórum reservado, agenda, etc, agregando elementos que antes eram próprios das listas de discussão por e-mail, familiarizando os usuários habituados com tais práticas.

Estas novas formas são determinadas à medida que o princípio de apropriação é evidenciado. Entendemos como apropriação uma ação instrumentalizada voltada a um interesse do determinado grupo, abnegando seu sentido original, ou como ilustra Lacerda e Maziviero, aquilo que é da ordem de uso. Segundo Lacerda e Maziviero:

Assim, há uma trama, ligação, pacto, tensões e disputas entre aquilo que é da *ordem de uso* – o que é proposto, embutido, pré-determinado, codificado e estabelecido como finalidade dos produtos midiáticos, textos, mensagens [...] e tecnologias da informação e comunicação – e o que é da *(des)ordem da apropriação* – formas de uso marginal, margens de manobra, astúcias, bricolagens, maneiras de empregar, formas desviantes, palimpsestos, etc (LACERDA & MAZIVIERO, 2011, p. 7).

Associa-se este conceito ao que Eliseo Verón chama de *contrato de leitura*, onde a “noção de ‘contrato’ enfatiza as condições de construção do vínculo que no tempo



uma mídia e os seus ‘consumidores’ (VERÓN, 2004, p.275)”. Porém, nesse contrato há uma necessidade de se preservam a complexidade e heterogeneidade dos receptores. Isso remete a uma abertura da mídia a apropriação que cada indivíduo faz dela. No caso da relação movimentos/redes sociais digitais, abertura do seu uso e apropriação ocorre na garantia e preservação ao pluralismo que concerne aos movimentos. Do ponto social e político, associamos esta postura ao sentido democrático que está na própria verve dos movimentos. Em relação a isso, cabe a assertiva de Verón em que nos diz que:

É imperativo para a preservação do sistema democrático, assegurar que as lógicas que presidem a evolução-transformação das representações sociais no seio da sociedade civil continuem heterogêneas em relação à lógica de consumo, não sejam redutíveis aos mecanismos de concorrência econômica (VERÓN, 2004, p.282).

Dessa forma, os modos de apropriação das mídias na recepção permanecerão heterogêneos e diversificados, ocorrendo deslocamentos das lógicas da economia de mercado e de ação na sociocultural dos receptores (idem, 2004). Para ilustrar melhor, o papel desses receptores - nesse caso, ativos, nosso próximo tópico fará uma abordagem mais detalhada.

4. Recepção Ativa e participação: potencialidades das redes sociais digitais.

Entendemos como recepção a partir do conceito de Jesus Martín-Barbero, onde receptor tido como sujeito dotado de ação social, sob o pensamento revisado de todo processo da comunicação, rompendo como que ele denomina modelo mecânico. Existe nisso, uma potencialidade de reorganização da experiência social (MARTÍN-BARBERO, 1995). Nessa perspectiva, Martín-Barbero entende que a novas tecnologias – na qual a Internet está inserida – não é uma acumulo de aparatos, mas sim um novo organizador perceptivo e um reorganizador da experiência social, onde os valores de nossa sociedade, de alguma forma estão sendo refragmentados e rearticulados. Sendo assim, o uso que os movimentos sociais fazem das redes sociais possibilitam novas experiências, onde se considera a multiplicidade de atores na sociedade civil, onde se tem a oportunidade de conhecer as demandas culturais e políticas da população.



Entendendo que a recepção é um espaço de interação (idem, p. 57), e no caso, as redes sociais permitem isso, percebe uma construção de possibilidades de mudança no indivíduo através da troca, da partilha, absorção de informação e da produção e conteúdo. O receptor não está submetido ao meio, ele pode interagir fortemente, de maneira participativa e colaborativa ou pode até mesmo optar pela passividade de apenas acompanhar as informações sem nenhuma interferência. No entanto, a experiência irá o modificar culturalmente.

O código da mensagem não está imposto está aberto e livre de circulação, criando novas relações entre o receptor e o código. Este tipo de relação, próprio do agir dos movimentos diferencia-se do modelo hegemônico dos governos e das empresas, que se caracteriza por uma verticalização, controlada, direcionada e objetivada.

Este procedimento de circulação livre do código pode se enquadrar no que o teórico britânico de origem jamaicana Stuart Hall designa nas modalidades de código negociado e de oposição. Embora seus estudos de Hall estejam direcionados a televisão, podemos emprega-los nas mídias digitais e seus dispositivos. Hall define como código negociado aquele que:

Contém uma mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado) faz suas próprias regras – funciona como exceções à regra (HALL, 2003, p.401).

Enquanto o código de oposição é definido quando os significados e as decodificações são vistos de maneira contestatória, mesmo que parte inicialmente do procedimento negociado. É neste campo onde se trava a luta no discurso, advindo do receptor (idem, p.402).

Compreendendo os processos de produção de discurso e conteúdo dos movimentos sociais, que se apropriaram das redes sociais digitais, e embora operem dentro da lógica de sua interface. O receptor ativo também irá interferir e colaborar na experiência social e será um agente ativo. Estará ele reterritorializando o espaço virtual, dando uma nova forma ao grupo de maneira que, criam-se códigos de grupos, classes,



culturas e afins, estabelecendo um pertencimento e uso de símbolos e linguagem próprios desta comunidade (PROSS, 1990, p. 162).

Há uma possibilidade da multiplicação da mensagem e alcance da atualidade e universalidade – remetendo ao conceito de Groth (idem, p. 166). No entanto, há ressalva para os riscos desta comunicação, uma vez que estar 'incluído ou não em determinados grupos, pode criar igualdade em certo modo e desigualdades frente a outros grupos' (idem, p.176) uma vez que as particularidades tendem a criar 'guetos', que por um lado reforçam a identidade cultural do movimento, mas pode gerar distinção em relação a outras frentes, embora possam existir elementos transversais entre os grupos.

5. Metodologia

A metodologia deste artigo pautou-se em uma pesquisa bibliográfica extraída parte da bibliografia apresentada na disciplina Teorias da Comunicação Midiática, cadeira lecionada pelo Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda. Foram consideradas as discussões em sala de aula, e toda a arquitetura do artigo foi exposto em um seminário apresentado, além das orientações e observações do docente durante as aulas da disciplina.

Este trabalho também se fez uso dos conceitos da pesquisa desenvolvida no mestrado em Estudos da Mídia da UFRN com colaborações dos estudos feitos no curso de Comunicação Social, habilitação em educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no qual o enfoque são os movimentos sociais e apropriação e uso de dispositivos midiáticos digitais. Nele, está sendo empregado o método de estudo denominado de *netnografia* ou Etnografia Digital, desenvolvido por Robert Kozinets. Segundo o autor, a Etnografia Digital consiste numa:

descrição escrita resultante do trabalho de campo que estuda as culturas e comunidades *on-line* emergentes, mediadas por computador, ou comunicações baseadas na Internet, onde tanto o trabalho de campo como a descrição textual são metodologicamente conduzidas pelas tradições e técnicas da Antropologia cultural. (KOZINETS apud CERQUEIRA, 2010, p. 36)



Com estes métodos, prosseguiremos na pesquisa com o objetivo de identificar os movimentos e trabalhar sua relação com os dispositivos midiáticos digitais. Este preâmbulo teórico nos servirá de norte para uma etapa mais aprofundada.

6. Considerações finais

Entendemos que o uso de dispositivos midiáticos pelos movimentos sociais possibilitam o processo participativo do receptor, podendo inseri-lo no processo de produção de conteúdo. Mesmo sem exemplos específicos, podemos afirmar que os movimentos sociais ao se inserem no *bios* midiático, reterritorializam seu espaço de atuação se moldando as interfaces do dispositivo, uma vez que o dispositivo possui intencionalidade e finalidade inicial específica.

No entanto, a maneira que os movimentos conduzem o dispositivo, rearranjando para suas finalidades de operação, seja na articulação de ideias, elaboração de táticas e estratégias ou na mera disseminação de informação, subvertem o uso inicial dos dispositivos, o desterritorializando, no conceito de Martín Barbeiro, e o reordenando seu *modus operandi* à sua lógica.

É pertinente observar que a formação das comunidades dentro dos dispositivos geram novas formas de experiência social, mudando os hábitos do movimento, sofrendo interferência do plano virtual, embora seja possível que não se exclua as práticas sociais anteriores ao uso, partindo para uma lógica acumulativa.

Mas de se atentar para a construção de novas identidades coletivas pode por um lado criar uma integração de indivíduos em comum numa causa, por outro lado pode excluir ou criar distinção de outros indivíduos que não estejam enquadrados na lógica do dispositivo, seja por falta de domínio, ou não adequação aos códigos do dispositivo. Há também de se considerar os níveis de distinção entre grupos que se formas através dos dispositivos e fora deles.

Creio que se faça necessário nesta pesquisa um aprofundamento voltado para o campo empírico a fim de confirmar nossas hipóteses ou refutá-las, mas que, sobretudo, possam otimizar os estudos empregados nesta etapa, que ficou restrita a pesquisa bibliográfica.



Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4. Ed. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BURGOS, Raúl. **Da Democratização Política à Radicalização da Democracia: novas dimensões estratégicas dos movimentos sociais**. In: DAGNINO, E.; TATAGIBA, L. **Democracia, Sociedade Civil e Participação**. Chapecó: Argos, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COHN, Gabriel. O campo da comunicação. IN: FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aida; PORTO, Sérgio Dayrrel. O campo da comunicação: caracterização, problematização e perspectivas. João Pessoa: Editora UFPB, 2001, p. 41-49.
- FESTA, Regina. **Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa**. In: FESTA, R.; LINS DA SILVA, C. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FLUSSER, Vilém. Abstrair (cap. 1); Imaginar (cap. 4). In: _____. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008, p. 13-20; 37-44.
- GOFFMAN, Erving. **Marcos de referencia primarios**. In: _____. Frame Analysis: los marcos de la experiencia. Madrid: Siglo XXI, 2006, p. 23-42.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.
- INNIS, Harold. O vié da comunicação. IN: _____. O Viés da Comunicação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011, p. 103-133.
- LACERDA, Juciano Sousa; MAZIVIERO, Helena. **Pesquisa da pesquisa sobre usos e apropriações das TIC's: um balanço aquém das expectativas**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: **Quem tem medo da pesquisa empírica**. São Paulo: Intercom/Adaltech, 2011. v.1. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2376-1.pdf>> Acessado em 30 de maio de 2012
- LUHMANN, Niklas. A improbabilidade da comunicação. IN: _____. A improbabilidade da comunicação. 4a. ed. Lisboa: Ed. Vega, 2006, p. 39-62.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: USP Brasiliense, 1995, p. 39-68.
- MONTEIRO, Luis. **A Internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações**. 24º Congresso Brasileiro de Comunicação, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, setembro de 2001.



MORAES, Dênis de. **Comunicação Alternativa em Rede e Difusão Contra-Hegemônica**. In: COUTINHO, Eduardo G. **Comunicação e Contra Hegemonia**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio D.; MOUILLAUD, Maurice (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002, p. 29-35.

PROSS, Harry. La clasificación de los medios. In: PROSS, Harry; BETH, Hanno. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990, p. 158-178.

SCOLARI, Carlos A. Hipermediaciones (o cómo estudiar la comunicación sin quedar embobados frente a la última tecnología de California) - Entrevista a Damián Fraticelli. *Revista Lis - Letra Imagen Sonido - Ciudad mediatizada*. Año III 5. mar-Jun. 2010. Bs. as. uBaCyt. Cs. de La ComuniCaCión. FCs/uBa, p. 3-11.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2006.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006.